

O TEATRO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Giovana Conceição Oliveira de Moraes¹ - Unifesspa

César Augusto Paro² - Unifesspa

Área de conhecimento de acordo com CNPq: Ciências da Saúde

Agência Financiadora da Bolsa: Pró-Reitoria de Ensino de Graduação-PROEG

Programa de Ensino: PMG - Programa de Monitoria Geral (Edital 02/2024)

Resumo: Os campos de práticas na formação dos sanitaristas não devem ser observados como meros espaços para o desenvolvimento de habilidades técnicas – ênfase comum na formação de profissionais da saúde do modo geral –, mas sim como espaços para a apreensão da dimensão praxica do objeto de seu trabalho. Dessa forma, o objetivo é relatar a experiência da utilização do teatro como um instrumento de educação em saúde para o público infantil, discutindo desafios e benefícios experienciados durante o processo. Trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa a partir da inserção do apoio pedagógico da monitora no processo de criação da peça teatral por uma turma do curso de Saúde Coletiva em um componente curricular com carga horária extensionista. Sob supervisão e apoio da monitora e do docente, toda a composição das cenas foi elaborada e executada pelos discentes do curso de Saúde Coletiva, que se envolveram intensamente

em cada etapa do processo criativo. Desde a construção do cenário até a concepção dos figurinos, os estudantes demonstraram uma colaboração notável, integrando seus conhecimentos acadêmicos e habilidades artísticas. Essa experiência não apenas enriqueceu a formação deles, mas também trouxe uma perspectiva única e inovadora para a apresentação, refletindo a intersecção entre arte e saúde de forma criativa e envolvente. O teatro, enquanto forma de expressão artística e prática pedagógica, revela-se um poderoso veículo de aprendizado para os atores.

Palavras-chave: Monitoria; Educação em Saúde; Prática Pedagógica; Teatro.

1. INTRODUÇÃO

A proposta de formação em saúde coletiva no nível de graduação justificou-se na necessidade de antecipar a formação do sanitarista, buscando formar quadro de profissionais que contribuíssem na consolidação da reforma sanitária e do SUS (Teixeira, 2003, p. 236): “O SUS precisa de um graduado em saúde coletiva, com perfil profissional que o qualifique como um ator estratégico e com identidade específica não garantida por outras graduações disponíveis. Portanto, longe de se sobrepor aos demais integrantes da equipe de saúde, esse novo ator vem se associar de modo orgânico aos trabalhadores em saúde coletiva”.

Por sanitarista, entende-se um profissional que tem como perfil geral o conhecimento das doenças, agravos, riscos e determinantes voltados para os aspectos que, de forma coletiva, facilitam ou obstaculizam sua ocorrência ou seu progresso, reservando o atendimento personalizado aos

¹ Graduanda do Curso de Saúde Coletiva (FASC/IESB/Unifesspa). Bolsista do PMG- Programa de Monitoria Geral, Edital 02/2024. E-mail: giovanamoraes@unifesspa.edu.br.

² Docente do Curso de Saúde Coletiva (FASC/IESB/Unifesspa). Orientador do PMG- Programa de Monitoria Geral, Edital 02/2024. E-mail: cesar.paro@unifesspa.edu.br

doentes para os tradicionalmente graduados para atendê-los. Neste sentido, a sua formação prescinde dos conhecimentos clínicos e terapêuticos específicos – que são requeridos dos profissionais voltados para o atendimento de cada indivíduo isoladamente (Paim, 2006).

A formação destes profissionais estaria orientada por uma concepção interdisciplinar, que, sem negligenciar elementos provindos do modelo biomédico, o articularia com conhecimentos oriundos do domínio das ciências sociais e humanas, deslocando-se de um foco eminentemente individual para uma esfera coletiva (Teixeira, 2003). Portanto, a formação requerida implica outro posicionamento não apenas no plano epistemológico, mas também no plano ético-político (Bosi; Paim, 2010).

Entendendo que a formação em saúde coletiva deve ir além do sanitarismo, Paim e Pinto (2013) defendem que a constituição do sujeito da saúde coletiva supõe a articulação da prática teórica e da prática política, com o desenvolvimento da atitude crítica e de uma aptidão crítica que busque superar a consciência mágica ou ingênua para alcançar a consciência crítica que ajude a empreender um pensamento e um agir estratégico no âmbito da saúde. Neste sentido, Mota e Santos (2013) apontam como um dos maiores desafios da constituição da saúde coletiva a formação de sujeitos entre a ciência e a política, entre a análise crítica e a proposição, entre a militância e a profissionalização do campo.

Os campos de práticas são componentes imprescindíveis da formação dos profissionais de saúde no geral e também dos sanitaristas. Estes estão previstos nas próprias Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em saúde coletiva e nos diversos projetos político-pedagógicos (ou congêneres) destes cursos. Silva, Ventura e Ferreira (2003) questionam sobre como tem se dado o encontro entre os cenários práticos e a graduação em saúde coletiva e como as competências previstas para os sanitaristas podem ser desenvolvidas nestes cenários de aprendizagem. Estas autoras defendem que os campos de práticas na formação dos sanitaristas não devem ser observados como meros espaços para o desenvolvimento de habilidades técnicas – ênfase comum na formação de profissionais da saúde do modo geral –, mas sim como espaços para a apreensão da dimensão prática do objeto de seu trabalho. Neste sentido, levando em conta a dimensão política da atuação do profissional expressa em sua capacidade reflexiva, problematizadora, interdisciplinar e crítica, fica patente a dificuldade em restringir esse campo prático ao terreno das habilidades, da técnica e da aplicação de uma teoria: “A atividade do sanitarista apoia-se em um fazer que não se restringe à teoria ou aos seus desdobramentos tecnológicos, mas sobretudo em um sistema de valores éticos e políticos. Sendo o seu trabalho situado como prática social, a capacidade reflexiva e de tomada de decisões no curso do seu processo de trabalho são fundamentais” (p. 97).

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é relatar a experiência da utilização do teatro como um instrumento de educação em saúde para o público infantil, discutindo desafios e benefícios experienciados durante o processo.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa a partir da inserção do apoio pedagógico da monitora no processo de criação da peça teatral por uma turma do curso de Saúde Coletiva em um componente curricular com carga horária extensionista. A disciplina da monitoria tinha por objetivo realizar uma ação de educação em saúde para um Núcleo de Educação Infantil por meio do Programa Saúde na Escola (PSE) no município de Marabá. Dessa forma, os alunos foram responsáveis por escolher a estratégia que preferiam para o desenvolvimento da ação, e optaram pelo teatro.

Foram descritos todos os processos de planejamento, e avaliados o desempenho, desenvolvimento de habilidades e trabalho em equipe, bem como desafios encontrados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira etapa do projeto envolveu a definição do teatro como um instrumento educacional eficaz para a promoção da saúde. O teatro foi identificado como uma ferramenta interessante por sua capacidade de engajar o público, transmitir informações de maneira acessível e provocar reflexão sobre temas relevantes, especialmente pela faixa etária do público-alvo da ação ser de crianças de 2 a 5 anos. A abordagem teatral permite criar cenários que refletem situações reais, facilitando a discussão sobre práticas saudáveis e prevenção de doenças de forma interativa e envolvente.

A observação do ambiente escolar foi fundamental para entender as características físicas do ambiente em que irá acontecer a apresentação, planejar as peças e cenários.

Figura 1- Sala multiuso do ambiente escolar utilizada para a apresentação do teatro.



Fonte: autores (2024).

Uma reunião com a diretora da escola foi realizada para alinhar os objetivos do projeto e definir o tema da atividade teatral. A diretora destacou a importância de abordar temas que fossem relevantes para a comunidade escolar e sugeriu a abordagem de tópicos que pudessem impactar diretamente o cotidiano dos alunos, como inclusão e prevenção ao bullying. A reunião foi crucial para garantir o apoio da administração e para ajustar a abordagem às necessidades específicas da escola. Além disso, foi essencial para que os alunos conseguissem aprimorar o planejamento, definir a divisão de turmas, horários e adaptar a sua abordagem ao público.

Figura 2 - Docente, monitora e alunas visitando a escola que recebeu a ação do teatro.



Fonte: autores (2024).

Com base nas observações e na reunião com a diretora, foi decidido pela turma o tema da peça teatral, as cenas e os personagens a serem incluídos. O tema selecionado foi “Navegando pelo mundo mágico da Saúde”, que abordou tópicos como higiene pessoal, saúde bucal, incentivo à alimentação saudável, inclusão e prevenção de bullying, considerados relevantes e urgentes para o grupo-alvo. Os personagens foram definidos para representar diferentes papéis na narrativa de uma perspectiva lúdica, como um pirata, uma bruxa, fada do dente, príncipes do banho, uma professora, um palhaço e algumas crianças, garantindo que a peça abordasse o tema de maneira acessível.

Sob supervisão e apoio da monitora e do docente, toda a composição das cenas foi elaborada e executada pelos discentes do curso de Saúde Coletiva, que se envolveram intensamente em cada etapa do processo criativo. Desde a construção do cenário até a concepção dos figurinos, os estudantes demonstraram uma colaboração notável, integrando seus conhecimentos acadêmicos e habilidades artísticas. Essa experiência não apenas enriqueceu a formação deles, mas também trouxe uma perspectiva única e inovadora para a apresentação, refletindo a intersecção entre arte e saúde de forma criativa e envolvente.

Durante esse processo de construção de falas, foi orientado que os alunos fizessem alguns exercícios para melhorar a capacidade de improviso e comunicação efetiva, por meio da tentativa de passar cada cena sem ter as falas pré definidas e posteriormente, a escrita do texto e leitura em voz alta. Com todas as falas, cenas e conteúdos musicais descritos no roteiro, foram feitos ensaios completos que possibilitaram os alunos desenvolverem habilidades artísticas necessárias para o trabalho de educação em saúde do profissional sanitário. Além disso, observamos que os alunos aprenderam a trabalhar em equipe, a aceitar críticas e a adaptar suas visões, fortalecendo sua capacidade de flexibilidade.

Figura 3 - Docente e alunos fazendo testes de cenas em sala de aula.



Fonte: autores (2024).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O teatro, enquanto forma de expressão artística e prática pedagógica, revela-se um poderoso veículo de aprendizado para os atores. Através da prática teatral, os alunos não apenas aprimoram suas habilidades narrativas, mas também desenvolvem uma compreensão mais profunda das nuances humanas e das dinâmicas sociais. A construção de personagens, a elaboração de diálogos e a criação de cenários são processos que demandam uma imersão na emoção, proporcionando aos autores uma rica experiência de empatia, introspecção e coletividade.

5. REFERÊNCIAS

BOSI, Maria Lúcia Magalhães; PAIM, Jairnilson Silva. Graduação em saúde coletiva: limites e possibilidades como estratégia de formação profissional. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 4, p. 2029-2038, 2010.

MOTA, Eduardo; SANTOS, Liliana. O que se pode alcançar com a Graduação em Saúde Coletiva no Brasil? **Tempus Actas**, v. 7, n. 3, p. 37-41, 2013.

PAIM, Jairnilson Silva; PINTO, Isabela C. M. Graduação em Saúde Coletiva: conquistas e passos para além do sanitarismo. **Tempus Actas**, v. 7, n. 3, p. 13-35, 2013.

PAIM, Jairnilson Silva. **Desafios para a Saúde Coletiva no século XXI**. Salvador: EDUFBA, 2006.

SILVA, Neide Emy Kurokawa; VENTURA, Miriam Ventura; FERREIRA, Jaqueline. Graduação em Saúde Coletiva e o processo de construção de cenários práticos. **Tempus Actas**, v. 7, n. 3, p. 91-101, 2013.

TEIXEIRA, Carmen Fontes. Graduação em Saúde Coletiva: antecipando a formação do Sanitarista. **Interface – Saúde, Educação, Comunicação**, v. 7, n. 13, p. 163-166, 2003.